"O GRANDE MISTÉRIO DO MUNDO É A COMPREENSÃO": ETNICIDADE, MEMÓRIA E EDUCAÇÃO NO ROMANCE *MATA DOCE* (2023), DE LUCIANY APARECIDA

Ângela Maria Lima de Gouvêa[1]; **Luiz Eduardo Paulino da Silva**[2]

[1]Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Jequié, Bahia, Brasil, angelaagouvea@gmail.com

[2]Universidade Federal do Amapá, Oiapoque, Amapá, Brasil, paulino.jesus@unifap.br

Resumo

Este artigo analisou o romance **Mata Doce** (2023), de Luciany Aparecida, e buscou identificar na narrativa os elementos constitutivos da etnicidade, memória e educação. Com a referida análise, objetivou-se destacar a obra da escritora negra e baiana a partir de uma perspectiva que ressaltasse a importância e o caráter político da educação, evidenciando como a literatura contribui para romper o "pacto narcísico" (Bento, 2022) constituinte da formação da sociedade brasileira. A discussão fundamenta-se nos aportes teóricos dos textos **O direito à literatura**, de Antonio Candido (2004); **Etnicidade**, de José Maurício Arruti (2014); **Etnicidade e o conceito de cultura**, de Frederik Barth (2005); **Reconsiderando etnia**, de Roberto Cardoso Oliveira; **Mata Doce**, de Luciany Aparecida (2023); **Mulheres, raça e classe**, de Angela Davis (2017); **O pacto da branquitude**, de Cida Bento (2022); **A memória coletiva**, de Maurice Halbwachs (2006); **História e Memória**, de Jacques Le Goff (2003); **Dororidade**, de Vilma Piedade (2017); **Úrsula**, de Maria Firmino dos Reis ([1859]2018); **Tempo passado**, de Beatriz Sarlo (2005); **Ensinando a transgredir**, de bell hooks (2017) e **Educação como prática da liberdade**, de Paulo Freire (2019). O coletivo de autores subsidiou a fundamentação teórica, bem como permitiu analisar **Mata Doce** (2023), romance inaugural de Luciany Aparecida, indicado como uma das obras do Vestibular da UESB-2026, que antes foi finalista do Prêmio Jabuti 2024 e vencedora do Prêmio São Paulo de Literatura em 2024, na categoria Melhor Romance do Ano de 2023, a fim de identificar os elementos constitutivos da etnicidade, memória e educação. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, de caráter bibliográfico, baseada na análise da referida obra literária e no diálogo com produções teóricas discutidas no âmbito do Laboratório de Educação e Literatura (LABEL-UNIFAP). Os resultados indicam que a narrativa literária possibilita/viabiliza um aprofundamento no processo de exclusão forjado para construção da sociedade brasileira, bem como oportuniza trazer discussões sobre temas como etnicidade, racismo, sexismo/misoginia, educação e luta de classes.

Palavras-chave: Etnicidade; Memória; Educação; Literatura.

Introdução

A Literatura, nas suas diversas manifestações, engloba os valores que a sociedade preconiza e os que considera prejudiciais, confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, o que, de acordo com Antonio Candido (2004), permite às pessoas viverem dialeticamente as suas questões. O sociólogo acentua, ainda, o papel da sociedade como difusora do direito à literatura, pois sua organização pode restringir ou ampliar sua função,

uma vez que numa sociedade estratificada, por questões de etnia, de gênero, de classe, de religião opera um efeito (também) mutilador, causando a segregação cultural e interrompendo a fruição e o direito à literatura, o direito à história (individual e coletiva), o direito, inclusive, a uma origem.

Consonante com a ideia de que o contato com a literatura humaniza e enriquece, individual e coletivamente, o sujeito e o grupo no qual ele está inserido, este artigo objetiva analisar o romance **Mata Doce** (2023), de Luciany Aparecida, buscando compreender de que modo as categorias etnicidade, memória e educação são construídas e mobilizadas no interior da narrativa. A referida autora é uma mulher negra, natural do Vale do Rio Jiquiriçá, na Bahia, doutora em Letras, com pesquisas nas áreas de nação, imigração, memória e identidades. O romance escolhido para análise reforça/endossa e ilustra, artisticamente, o projeto político de subalternização das pessoas negras ocorrido em nosso país, que, arbitrariamente, encaminhou-as a um processo de autoafirmação de características comuns (traços que lhes eram comuns, entretanto desvalorizados pela macroestrutura) e a construção de laços primordiais a fim de que pudessem ser resistência e as identificassem enquanto grupo étnico no cenário imposto.

Mata Doce (2023), de Luciany Aparecida, é uma narrativa que destaca a importância e o caráter político da educação, ao estabelecer uma intertextualidade com o romance **Úrsula** (1859), da nordestina maranhense Maria Firmina dos Reis, considerado a obra inaugural da literatura afrobrasileira e um dos primeiros romances de autoria feminina escritos no Brasil, bem como referenda a importância da memória e reverencia àquelas e àqueles que abriram caminhos e nos permitiram chegar até aqui.

A realização deste artigo justifica-se diante da significância de analisar **Mata Doce** (2023), romance inaugural de Luciany Aparecida, indicado como uma das obras do Vestibular da UESB-2026, antes, também foi finalista do Prêmio Jabuti 2024 e vencedora do Prêmio São Paulo de Literatura em 2024, na categoria Melhor Romance do Ano de 2023, e pela abordagem de temas relevantes como identidade étnica, memória, sexismo/sexualidades, misoginia, racismo, educação e luta de classes; além de possibilitar aprofundar o estudo sobre o processo de exclusão forjado para construção da sociedade brasileira, ao suscitar discussões sobre os lugares de memória e construção da identidade feminina negra na narrativa.

Sendo esta pesquisa de abordagem qualitativa, de caráter bibliográfico, procedeu-se, de início, com o levantamento bibliográfico, seguido de leitura e fichamento, referente ao tema proposto, a fim de ter conhecimento de autores e suas obras com base em material já elaborado constituído de livros, teses, dissertações e artigos científicos publicados em

periódicos da área, entre outros veículos de pesquisa, o que permitiu descobrir os dados e as possíveis relações entre os conceitos de Etnicidade, Memória e Educação, textualmente materializados, no romance **Mata Doce** (2023) de Luciany Aparecida.

Em seguida, seguiu-se às análises de apreciação crítica articuladas com as formulações teóricas pertinentes, envolvendo sempre o confronto de informações, textos e situações encontradas ao longo do trabalho, a fim de constituir reflexões significativas sobre o tema proposto. A sistematização da grade de análise permitiu a seleção e análise crítica do conteúdo, propiciando a redação do texto final de acordo com os requisitos metodológicos expostos.

A investigação foi desenvolvida a partir da leitura e análise da obra **Mata Doce** (2023), de Luciany Aparecida, debatida no LABEL – Laboratório de Educação e Literatura, Grupo de pesquisa vinculado ao curso de Pedagogia da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) e cadastrado no CNPq. Trata-se de uma proposta que, a partir dos aportes teóricos – **O direito à literatura**, de Antonio Candido (2004); **Etnicidade**, de José Maurício Arruti (2014); **Etnicidade e o conceito de cultura**, de Frederik Barth (2005); **Reconsiderando etnia**, de Roberto Cardoso Oliveira; **Mulheres, raça e classe**, de Angela Davis (2017); **O pacto da branquitude**, de Cida Bento (2022); **A memória coletiva**, de Maurice Halbwachs (2006); **História e Memória**, de Jacques Le Goff (2003); **Dororidade**, de Vilma Piedade (2017); **Úrsula**, de Maria Firmino dos Reis ([1859]2018); **Tempo passado**, de Beatriz Sarlo (2005); **Ensinando a transgredir**, de Bell Hooks (2017) e **Educação como prática da liberdade**, de Paulo Freire (2019) – analisou o romance **Mata Doce**, de Luciany Aparecida (2023), para identificar os elementos constitutivos da etnicidade, memória e educação.

Este trabalho, além da introdução, está estruturado em três seções intituladas, respectivamente, como *Etnicidade*; *Memória* e *Educação*. Na primeira seção, discute-se o conceito de etnicidade e seu consequente legado, que explicita os parâmetros para uma nova condição da mulher negra na sociedade. Na segunda seção, analisa-se como o conceito de memória se constitui numa ferramenta de resistência e fortalecimento cultural da população negra. Na terceira seção, a educação emerge como potência e agente transformador das mulheres negras e de toda comunidade do povoado fictício de Mata Doce. Por fim, apresentam-se as conclusões, seguidas das referências bibliográficas que fundamentam o estudo.

Etnicidade

Etnicidade é um termo que, na língua portuguesa, de acordo com o historiador e pesquisador em etnologia, José Maurício Arruti, está sujeito a um leque de variações semânticas – "a) o fato de ser étnico; b) a propriedade ou qualidade de ser étnico; c) aquele ou aquilo que é étnico; d) a atitude ou ação de quem é étnico" (2014, p.199 - 200) – e advém daí uma parte das dificuldades interpretativas acerca do conceito de etnia e seus derivados, por isso, seu uso técnico no campo da antropologia recente distingue-se do seu emprego vernacular, uma vez que atribui a tais variações um valor teórico. Até a Segunda Guerra Mundial, o termo etnia estava intrinsecamente relacionado à raça, entretanto, somente após o impacto cultural do holocausto judeu que o conceito foi retomado e valorizado na sua capacidade de se opor ao conceito de raça, que havia sido privilegiado no discurso nazista (Arruti, 2014). O grupo étnico, segundo Arruti, não está baseado nem na ocupação de territórios exclusivos, nem no isolamento, mas na reafirmação contínua de sua diferença na relação e em relação aos outros. Para a antropologia, o emprego do termo etnicidade tem relevância ao colocar em destaque a atitude ou performance dos sujeitos quando estes atuam em situação de alteridade (Arruti, 2014, p.207).

Em conformidade com o pensamento de Arruti, Fredrik Barth (2005) destaca que é possível falar de grupo étnico quando a existência deste está ligada às fronteiras criadas e mantidas por relações de poder e processos de controle, silenciamentos e apagamentos das experiências pessoais, que fujam ao modelo cultural reificado como definidor (p.15). Fazendo coro às propostas dos referidos antropólogos, soma-se o professor Roberto Cardoso de Oliveira (2007), que também entende etnia como uma noção vinculada a uma base estritamente social e, portanto, sempre associada a grupo, ao passo que o termo etnicidade é entendido essencialmente como a forma de interação entre grupos culturais operando dentro de contextos sociais comuns. O ponto estratégico para compreensão acerca do comportamento interétnico é a ideologia, uma vez que as ideologias nos remetem a um estado crítico, isto é, de crise, do grupo ou dos grupos sociais envolvidos (Oliveira, 2007, p.144).

O conceito de etnicidade pode ser evidenciado no romance **Mata Doce** (2023), de Luciany Aparecida, o qual fabula a história de resistência das mulheres negras, fortes e valentes que, sucessivamente, habitaram um casarão, no povoado de Mata Doce, por mais de um século e o transformaram em um lugar de acolhimento e amparo para mulheres desvalidas, refazendo os seus caminhos à revelia dos velhos donos do poder e reafirmando a potência da mulher que fundou aquele povoado quando fugia para a liberdade: "Eustáquia

Vazante, avó de Mariinha, chegou primeiro àquele lugar por intermédio de gente que trabalhava no movimento de acolher o caminho de quem escapava para a liberdade. Ali, guardada com um machado, arma de sua proteção, ela tomou prumo e fez do casarão sede de amparo" (Aparecida, 2023, p.22). O legado da escravidão e o engajamento no movimento antiescravagista é traço constituinte da etnicidade da mulher negra, pois "foram essas mulheres que transmitiram para suas descendentes do sexo feminino, nominalmente livres, um legado de trabalho duro, perseverança e autossuficiência, um legado de tenacidade, resistência e insistência na igualdade sexual – em resumo, um legado que explicita os parâmetros para uma nova condição de mulher" (Davis, 2017, p.41).

Homônimo ao título do romance, Mata Doce é um lugar de encantamentos e também o nome fictício do povoado que ambienta a narrativa de Luciany Aparecida. A denominação justifica-se pelo fato daquele pedaço de chão estabelecer-se, geograficamente, numa área de transição entre caatinga e mata atlântica, sendo banhado pelo rio Airá, fonte da maior disputa daquela comunidade, que pleiteava o acesso livre ao curso de água, pois a "miséria era muita. A água era escassa, e a que tinha nas terras de Mata Doce estava aprisionada no terreno do coronel [...] Quase todos morriam de diferentes mortes. Mas apenas Amâncio e sua família matavam. Ser livre para matar era lugar social" (Aparecida, 2023, p.100). A fim de buscar um consolo para alma e um prato de comida, a população pobre e desvalida de Mata Doce se dirigia até o lajedo onde fora construído o casarão da professora Mariinha da Vazante. Alfabetizadora do povoado e apoio para muitos, a mulher abatia-se em tristeza por ver a sua gente obrigada a caminhar por outras terras para buscar água com a fartura de água doce que o rio Airá despejava dominada pelo coronel, Gerônimo Amâncio, único homem branco daquela comunidade, sabido por todos ser assassino e invasor de terras alheias. "Mariinha entendia das necessidades de trocas e amparos no mundo. Aprendeu esse legado com as mulheres que vieram antes dela como se aprende receita de um bolo" (Aparecida, 2023, p.141).

"Da mesma maneira que o linguista deve encontrar sobre as transcrições falsas de um alfabeto os verdadeiros fonemas que foram pronunciados, mesmo sob as informações melhores de indígenas" (Mauss, 1969, *apud* Oliveira, 2007, p.142-143), outras pesquisas podem se guiar por este gesto em que, inspirando-se, sabendo que "o etnógrafo deve encontrar os fatos profundos, quase inconscientes, porque eles somente existem na tradição coletiva" (Oliveira, 2007, p.142-143). Não é possível subtrair a literatura de dentro desta tradição ou minimamente considerar sua possibilidade de existência na construção.

Memória

As memórias do povoado fictício de Mata Doce e, consequentemente a sua etnicidade, são contadas pelas palavras doídas de Filinha Mata-Boi digitadas na máquina datilográfica através de uma escrita cambiante – ora conta de amor, ora expõe a violência sabida, presenciada e vivida, ora dos encontros e desencontros – registrando no papel a resiliência do povo, sobretudo das mulheres negras, de Mata Doce que em uníssono sabia que "...Branco mentia para justificar suas heranças de selvageria. Era fingir, seguir e dominar, matando na cara. Essa era a lei deles. E suas caras seguiam asseadas com a secular justificativa de que toda matança era em defesa de suas terras" (Aparecida, 2023, p.83).

Tal qual sua mãe Mariinha da Vazante, Maria Tereza da Vazante, a Filinha Mata-Boi, "sabia que não estava ali sozinha, mas em companhia de todas as pessoas que haviam vivido naquela casa" (Aparecida, 2023, p.275) e é, então, quando aos noventa e dois anos e única moradora do casarão do lajedo, decide honrar aquele lugar de força para todas as mulheres que por ali passaram e passa ocupa a sua solitude escrevendo a história – passado, presente e futuro – do seu povo. Cida Bento (2022) destaca a memória como resistência e fortalecimento cultural da população negra, enfatizando que trabalhar o território da memória é reafirmar que não se trata apenas de recordação ou interpretação, pois

> memória é também construção simbólica por um coletivo que revela e atribui valores à experiência passada e reforça vínculos da comunidade. E memória pode ser também a revisão da narrativa sobre o passado "vitorioso" de um povo, revelando atos anti-humanitários que cometeram – os quais muitas vezes as elites querem apagar ou esquecer (Bento, 2022, p.39).

A memória coletiva, segundo Maurice Halbwachs (2006), é "uma corrente de pensamento contínuo, de uma continuidade que nada tem de artificial, pois não retém do passado senão o que ainda está vivo ou é capaz de viver na consciência do grupo que a mantém" (Hallbwachs, 2006, p.102). Enquanto Jacques Le Goff (2003) destaca a memória coletiva como um instrumento de poder, pois

> tornar-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores destes mecanismos de manipulação de memória coletiva (Le Goff, 2003, p.422).

Em consonância com Maurice Halbwacks (2006) e Cida Bento (2022), Beatriz Sarlo (2005) acata a importância da memória enquanto console da "recuperação cultural, da

construção de identidades perdidas ou imaginadas, da narração de versões e leituras do passado" (p.96), pois destaca que o presente está ameaçado pelo desgaste da aceleração imputada pela modernização e aparatos tecnológicos diversos, afetando a duração das imagens e das coisas e afirma: "nunca como hoje a memória foi um tema espetacularmente social" (Sarlo, 2005, p.96).

Memória coletiva é, portanto, não somente uma conquista, mas um instrumento de poder, por isso "devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para libertação e não para servidão dos homens" (Le Goff, 2003, p.471). O romance **Mata Doce** apresenta a memória de Maria Tereza, a Filinha Mata-Boi, e expõe a genealogia de mulheres negras da família, da qual passa a fazer parte, uma vez que foi, legalmente, adotada por Mariinha da Vazante, alfabetizadora do povoado fictício de Mata Doce, neta Eustáquia da Vazante – "mulher que em fuga para a liberdade havia começado aquele povoado de Mata Doce" (Aparecida, 2023, p.21).

Subverter a lógica da dominação patriarcal era o propósito das personagens do romance **Mata Doce** (2023), as quais estavam orgulhosas de performar a Dororidade – "uma dor constante que marca as Mulheres Pretas no cotidiano – a dor diante de uma perda. E, nesse jogo do Racismo, quem perde mais? Quem está perdendo seus filhos e filhas? Todos Pretos. Todas Pretas. A resposta tá estampada nos dados oficiais sobre o aumento do Genocídio da Juventude Preta. Dororidade" (Piedade, 2017, p. 19).

Educação

A voz enunciadora do romance **Mata Doce** (2023) é dada à personagem Maria Tereza, a Filinha Mata-Boi, que, dentre outras potências, possui a educação como bem primoroso e agente transformador da sua história, que sofreu uma reviravolta quando se deparou com o exemplar de *Úrsula*, de autoria de Maria Firmina dos Reis, "pois encontrava ali pedaços da gente de Mata Doce. Qualquer um daqueles seus poderia ter também andado pelas estradas daquele enredo" (Aparecida, 2023, p.243). O contato com a literatura e a magia que esta arte operou preencheu a solitária Maria Tereza antes da sua passagem para o mundo dos encantados, pois, diante do isolamento circunstancial, a "...leitura e a escrita cresciam, tomavam sua vida, diziam de si e dos seus. Esses domingos abriam as páginas para tempos de escrita na máquina datilográfica, uma aprendizagem que lhe fora garantida pelo esforço das

mães. Filinha não escrevia só. Batia à máquina na presença de muita gente" (*Idem*, *ibidem*, p.271).

Na história das mulheres negras, a educação, de acordo com a professora e ativista feminista, Angela Davis, foi um catalisador potente de libertação frente à opressão vivida durante o regime de escravidão, pois "em muitos casos, a resistência envolvia ações mais sutis do que revoltas, fugas e sabotagens. Incluía, por exemplo, aprender a ler e a escrever de forma clandestina, bem como a transmissão desse conhecimento aos demais" (2017, p.34).

A comunidade da personagem Filinha Mata-Boi narrada no romance da baiana Luciany Aparecida reforça o espanto destacado por Bell Hooks (2017), em seu título **Ensinando a transgredir**, acerca da naturalização da opressão eurocêntrica, pois "nos ensinam a crer que a dominação é "natural", que os fortes têm o direito de governar os fracos e impotentes" (p.43). Através dos seus escritos, literário e ensaístico, respectivamente, ambas as autoras (Aparecida e Hooks) reforçam que "embora tanta gente afirme rejeitar esses valores, nossa rejeição coletiva está longe de ser completa, visto que eles ainda prevalecem em nossa vida cotidiana" (Hooks, 2017, p.43), bem como "nossas maneiras de conhecer são forjadas pela história e pelas relações de poder" (Hooks, 2017, p.46).

O discurso sobre a educação como prática da liberdade presente nos ensaios de Bell Hooks (2017) ampara-se no suporte teórico do patrono da educação brasileira, Paulo Freire. A autora estadunidense afirma: "Sublinhei o impacto da obra de Freire sobre o meu pensamento" (Hooks, 2017, p.53) e ratifica a importância de ter sido aluna do pensador brasileiro, informando que a obra freiriana lhe deu linguagem substancial, fazendo-a pensar profundamente a educação como uma possibilidade de construção de sujeitos com identidades de resistência capaz de promover mudanças nas suas realidades e, por conseguinte, descolonizar o pensamento patriarcal e eurocêntrico da sociedade que forjou e constituiu/constitui a subjetividade ocidental.

Numa sociedade que impôs o silêncio aos marginalizados, o poder da educação libertadora para a consciência crítica, teorizada e vivenciada por Paulo Freire (2025), fomentou a prática do diálogo e a luta dos grupos explorados e/ou oprimidos visando desestabilizar as estruturas e os discursos dominantes e, assim, encontrar posição e voz que lhes foi historicamente suprimido e/ou negado, pois, urge reiterar que todas as pessoas são sujeitos da história. A pedagogia freiriana visa o intercâmbio entre o ensinar e o aprender, pois deseja evocar "a impaciência, a vivacidade, características dos estados de procura, de invenção e reivindicação" (Freire, 2025, p.137).

A relação dialógica, como premissa basilar da educação defendida por Paulo Freire, é ilustrada ficcionalmente durante o transcorrer da narrativa do romance analisado e a grande epifania da personagem narradora ocorre numa visita à biblioteca. No meio das estantes, "viu *Úrsula* na sua frente e se pôs a ler e a se encontrar. Conhecia aqueles personagens. Filinha foi sentindo um incômodo profundo e uma grande admiração. Se sentia exposta, mas a história não era sobre ela. De onde vinha esse sentimento?" (Aparecida, 2023, p.250). A pedagogia freiriana supõe/deseja/vislumbra o sujeito como agente do processo de aprendizado, bem como preconiza que "a alfabetização não pode ser feita de cima para baixo, como uma doação ou uma imposição, mas de dentro para fora, pelo próprio analfabeto, apenas com a colaboração do educador (Freire, 2025, p.146). "O grande mistério do mundo é a compreensão" (Aparecida, 2023, p.206) e fazer compreender que a diferença não deve nos apartar, não pode diminuir aquele e aquela que é visto como outro, não fundamenta, nem operar a rivalidade entre os diferentes é o que nos ensina a educação buscada por Paulo Freire.

Conclusões

Por variadas vias, a literatura ainda se constitui como um fazer que dá voz e palavra àquelas e àqueles que parecem não existir, porém sem deixar que tal invisibilidade se efetive. Ao apresentar uma história do povoado Mata Doce, Luciany Aparecida traça uma narrativa desvinculada da macroestrutura, em que vitória e importância não são cabíveis, não são possíveis ao povo preto, menos ainda às mulheres negras. Essas micro-histórias, vistas de longe e sem a devida proximidade e propriedade, repetiriam um roteiro cuja subjugação e opressão ratificam atores e papéis, historicamente tidos como imutáveis e só são sabidas por vias e vozes dos grupos de poder e dominação. A literatura é um dos instrumentos coletivos usados para reconsiderar a pseudo-ausência dos corpos negros, da ancestralidade dos negros e do silêncio histórico, de sua colaboração na fundação social das várias etnias que compõem e de sua atitude potente de estar no mundo. Mundo que, para o velho coronel (antiga representação de poder) "parecia estar se perdendo em desarranjos de mulheres e pobres tendo querer" (Aparecida, 2023, p. 97).

O conceito de etnicidade proposto por Fredrik Barth (2005) é ilustrado no romance Mata Doce (2023), uma vez que há similitude no entendimento que "o emprego de etnicidade coloca em destaque não exatamente a unidade social, o grupo étnico, mas a atitude ou performance dos sujeitos quando estes atuam em situação de alteridade" (Arruti, 2014, p.207).

Através da escrita memorialista de Filinha Mata-Boi, uma personagem negra, é possível conhecer a história do seu povo, pois: "A Mata-Boi sabia que não estava ali sozinha, mas em companhia de todas as pessoas que haviam vivido naquela casa" (Aparecida, 2023, p.275), da sua força - "Ela despertou inteira e valente como eram as mulheres de sua origem" (Aparecida, 2023, p.262) e da sua ancestralidade: "Trazia no pote as lembranças de já ter vivido muitas vezes aquela cena com suas mães. Se esquentar do frio da noite com uma abrindo o cabelo da outra, untando os fios para receber o calor" (Aparecida, 2023, p.278).

O estudo da narrativa **Mata Doce** (2023), de Luciany Aparecida, objetiva romper o pacto narcísico, descrito por Cida Bento (2022), que escamoteia os atos brutais praticados pela população branca, bem como fazer falar o silêncio – garantido pela violência e expropriação – do povo negro, presente nas linhas cortantes de seu romance. "Falar sobre a herança escravocrata que vem sendo transmitida através do tempo, mas silenciada, pode auxiliar as novas gerações a reconhecer o que herdaram naquilo que vivem na atualidade, debater e resolver o que ficou do passado, para então construir uma outra história e avançar para outros pactos civilizatórios" (Bento, 2022, p. 25), recuperar, mas, mais do que isso, apresentar a origem de valor supremo, grandiosidade e sabedorias de determinada coletividade.

Referências

APARECIDA, Luciany. **Mata doce**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2023.

ARRUTI, José Maurício. **"Etnicidade"**. In: SANSONE, Livio; FURTADO, Cláudio Alves (Orgs.). Dicionário crítico das ciências sociais dos países de fala oficial portuguesa. Salvador: EDUFBA, 2014. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/handle/ri/14647Acesso em: 21 out. 2022.

BARTH, Fredrik. **Etnicidade e o conceito de cultura**. Antropolítica, n. 19, p. 15-30, 2005.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. In: CANDIDO, Antonio. Vários Escritos. São Paulo: Duas Cidade, 2004.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016. PIEDADE, Vilma. Dororidade. São Paulo: Editora Nós, 2017.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad.: Lais Teles Benoir. São Paulo: Vértice: 2006

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Trad.: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora Unicamp, 2003.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Reconsiderando etnia**. Sociedade e Cultura, Goiânia, v. 6, n. 2, 2007. DOI: 10.5216/sec.v6i2.913. Disponível em: https://revistas.ufg.br/fcs/article/view/913. Acesso em: 1 jun. 2024.

PIEDADE, Vilma. **Dororidade**. São Paulo: Editora Nós, 2017.

REIS, Maria Firmino dos. **Úrsula**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2018.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. Trad.: Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.